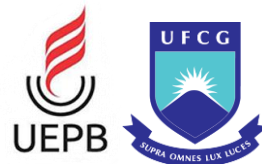




VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O Bem-Querer das fotografias do bloco de carnaval Se Benze que Dá contra a Estigmatização da Favela da Maré (RJ)¹

Fábio Gama Soares Evangelista²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre o papel dos registros fotográficos³ do Bloco de Carnaval Se Benze que Dá, realizado por moradores da Favela da Maré (RJ), como forma de produção de contra-arquivo. A análise das imagens do bloco articula-se às ideias de Azoulay (2024) sobre histórias potenciais e violência imperial, relacionando-as ao processo de estigmatização do olhar presente nos regimes racializados de representação (Hall, 2016).

Palavras-chave: favela; fotografia; cidade; carnaval

O contexto

Criado em 2005 por moradores da Maré, o bloco de carnaval Se Benze que Dá atua na disputa simbólica e material da cidade, lutando pelo direito de ir e vir no território e combatendo a criminalização dos favelados. O galho de arruda e o grito “Vem pra rua, morador!” tornaram-se seus principais símbolos, evocando tanto proteção quanto convite à ocupação do espaço público.

A favela da Maré, na zona norte do Rio de Janeiro, é formada por 16 comunidades e abriga cerca de 140 mil moradores (Censo Maré, 2019). O território, é situado entre grandes vias expressas e a Baía de Guanabara.

A população da Maré é formada em sua maior parte por pessoas negras.

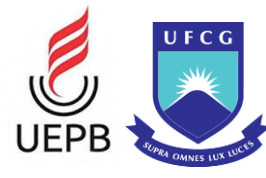
¹ Trabalho apresentado no GT1 - Fotografia Documental

² Doutorando em Comunicação (UERJ), fotógrafo documentarista e integrante do bloco Se Benze que Dá. Meu nome artístico é Fábio Caffé. Email: fabiofotocaffe@gmail.com

³ Fotografias realizadas entre 2019 e 2025. É possível visualizá-las através do link a seguir: <https://bit.ly/44L4zEM>



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O obturador imperial e as histórias potenciais

As fotografias do Se Benze que Dá não apenas mostram corpos e gestos, mas inscrevem presenças e reivindicam o direito de ser visto. Para compreender essa potência, recorremos a Ariella Azoulay (2024), que entende a fotografia como ato político compartilhado, capaz de desestabilizar narrativas hegemônicas e abrir novas leituras das imagens criadas em contextos historicamente subalternizados.

Azoulay utiliza a metáfora do “obturador imperial” para refletir sobre a violência que acompanha cada fechamento simbólico da imagem, impondo novas formas de dominação sobre os povos subalternizados. Ela situa a fotografia no contexto imperial, mostrando que essa tecnologia não é neutra: foi criada para legitimar ideias coloniais e reforçar hierarquias entre quem olha e quem é olhado.

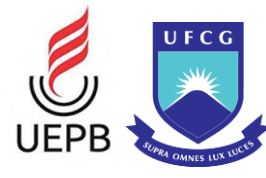
Nesse sentido, o bloco e suas imagens reivindicam o direito a olhar (Mirzoeff, 2016), recusando a fixação dos corpos da Maré. Esses sujeitos amam, cultivam solidariedade e amizade, e produzem arte e beleza a partir de seus saberes e fazeres.

A autora ainda destaca a velocidade do obturador como metáfora da violência imperial: assim, o obturador atua como dispositivo simbólico que transforma pessoas em estereótipos, fixando identidades e naturalizando desigualdades.

Para Azoulay é necessário desaprender o imperialismo e neste sentido a história potencial tem grande importância. Resumidamente podemos afirmar que a história potencial é uma tentativa de perceber e vivenciar a história de uma outra maneira, ou seja, aqui as histórias não são a de valorização do progresso e do novo a qualquer custo, nem da linearidade com que tentam contar a história. As histórias potenciais são as vozes, as práticas, vivências de grupos que foram subalternizados ao longo do processo colonial. É neste contexto que acreditamos que o bloco Se Benze que Dá, assim como as fotografias realizadas sobre o grupo, dialogam profundamente com esses processos, ao se conectarem com as histórias da favela da Maré e de seus moradores.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Estereotipagem e a contrerrepresentação através das fotografias do bloco

Essa discussão dialoga diretamente com Hall (2016), quando ele argumenta que a estereotipagem é um processo de fixação e redução. Ela congela a imagem de certas pessoas ou grupos, impedindo que sejam vistos em sua complexidade. Esse processo é profundamente assimétrico, pois é o colonizador quem define e impõe a imagem do colonizado, destacando apenas os traços negativos e desumanizando o outro.

Hall ao analisar as estratégias de contrarrepresentação como recusa dos regimes racializados de representação, afirma que uma delas é a criação, inserção e a circulação de imagens positivas em relação a grupos subalternizados. Essas imagens criam diálogos e tensões com as imagens que tentam congelar o significado destes grupos sociais. É muito importante esta luta simbólica proposta por estas imagens mesmo diante da assimetria de poder, o que faz com que muito mais imagens realizadas pelos grupos hegemônicos sejam veiculadas e difundidas.

A partir do olhar de Hall e de Azoulay, é possível considerar que uma outra estratégia de recusa, no contexto do bloco e suas imagens, é a ressignificação da categoria favela, se os grupos hegemônicos tentam fixar a associação entre esta categoria com características negativas, os mareenses se apropriam desta categoria e propõem em novo significado: de pertencimento e orgulho desta identidade. Destacamos que as fotografias do bloco não têm por objetivo fixar as imagens dos mareenses em outras representações rígidas e totalizantes, porque isso seria repetir a violência simbólica exercida pelos grupos hegemônicos. Acreditamos que é fundamental a coexistência de várias histórias sobre o território mareense e sobre seus moradores.

É neste sentido que as fotografias do bloco, que vem sendo construídas de forma coletiva por moradores, ex-moradores e amigos do bloco, entram nesta disputa simbólica: elas propõem imagens dos moradores da Maré através das lentes do amor, solidariedade e amizade. Com isso não queremos afirmar que não existem problemas na favela, mas ela não pode ser fixada apenas em aspectos tais como: violência, precariedade e ausências.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Bem-Querer da fotografias do Se Benze que Dá

Um aspecto central das imagens do bloco, presentes neste trabalho, é seu caráter ético, afetivo e coletivo de construção, fruto do olhar da pedagogia do Bem-Querer criada pelo fotógrafo documentarista João Roberto Ripper e que formou muitos dos fotógrafos que registram o bloco. Aqui a ética e o respeito são os fios condutores de todas as etapas do evento fotografia. Assim é valorizada a importância do tempo de convivência com as pessoas fotografadas, com isso estas fotografias exalam a relação de confiança entre fotógrafos e fotografados.

Em seguida, no ato fotográfico, na escolha e compartilhamento das imagens o processo continua sendo ético e coletivo, onde os fotografados exercem papel ativo e caso não concordem com alguma imagem, ela é excluída.

Outro aspecto relevante é que as imagens destacadas neste resumo foram realizadas por fotógrafos com vivências no território da Maré, podendo assim serem consideradas como “fotografias situadas” (Gonçalves, 2024), ou seja, fortemente ancoradas em uma experiência específica de corpo e de território. Esse olhar, que resulta de uma experiência concreta com os territórios e suas histórias, é referenciado pelo bem-querer das imagens, que consiste no trabalho do fotógrafo ser um elo de Bem-Querer entre a pessoa fotografada e o espectador da imagem.

Metodologia

Em termos metodológicos, este trabalho toma como corpus um conjunto de fotografias produzidas entre os anos de 2019 e 2025. A definição desse recorte temporal relaciona-se ao período posterior ao assassinato de Marielle Franco, nascida da Maré, uma das fundadoras do bloco Se Benze que Dá e ex-vereadora do Rio de Janeiro, evento que marca profundamente o território e a trajetória do bloco. A abordagem metodológica adota o formato de pesquisa-ação, envolvendo o acompanhamento direto das atividades do Se Benze que Dá, a análise de suas imagens, o exame documental de seu acervo e a realização de grupos focais e



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



entrevistas semiestruturadas com integrantes e espectadores. Busca-se, assim, desenvolver uma análise qualitativa dos processos de produção, circulação e recepção das imagens, compreendendo-as como parte constitutiva das dinâmicas de memória e luta por direitos no território.

Análise das imagens

A seguir, temos um exemplo de análise de imagem que estamos realizando. Este registro fotográfico⁴ foi realizado pelo fotógrafo AF. Rodrigues, que é morador da favela da Maré e formado pela Escola de Fotografia Popular. A fotografia retrata um dos momentos que antecede o início do cortejo do bloco. Através do enquadramento aberto (plano geral) vemos as pessoas e o contexto do local onde estão, que é a rua São Jorge na favela Parque Maré, uma das que compõem o território da Maré.

Um aspecto marcante da imagem é o caráter da convivência de pólos aparentemente opostos. A festa e a luta estão presentes nessa imagem, o que dificulta a fixidez de enquadramento da imagem. A imagem destaca a variedade de pessoas que confluenciam (Santos, 2023) para a realização do cortejo. Crianças, mulheres, homens, pessoas de variadas idades e em sua maioria negras. Então, ao mesmo tempo em que temos a ambiência festiva através das expressões de alegria, adereços, maquiagem, roupas, temos também a veiculação de mensagens de luta por direitos.

Ao mesmo tempo, ela dialoga com o histórico de festas populares no território mareense. E também é inscrição de memória, conectando múltiplas temporalidades, passadopresentefuturo, tudo junto, o que podemos associar ao que Leda Maria Martins (2021) chama de temporalidade espiralar.

Resultados Iniciais

Apesar deste trabalho estar em fase inicial, é possível apontar como resultados iniciais a importância das fotografias do bloco Se Benze Que Dá, no sentido de gerar visibilidade, uma visibilidade compartilhada que nasce da vontade comum de veicular

⁴ Foto 005-Se Benze Que Dá-Foto AF Rodrigues-65 – disponível em: <https://bit.ly/49vCpBV>



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



imagens dos moradores da Maré através do amor, solidariedade, amizade e dignidade. Isso se confluencia com as lutas pelo direito ao reconhecimento (Butler, 2018) ao que é possível conectar ao direito a olhar e a contravisualidade propostas por Mirzoeff.

Estas imagens também fazem parte de uma trama relacional de afetos e circulam tanto em formato físico como em formato digital através do grupo de Whatsapp do bloco e das plataformas sociodigitais, atualmente principalmente o Instagram. Isso mesmo que de forma precária e instável tem grande importância no sentido de construção e manutenção da memória coletiva do grupo e por extensão da favela da Maré.

E por fim, as imagens também ajudam no processo de ressignificar as categorias favelado e favela. E isso é uma profunda transformação na forma como ela é percebida no conjunto da sociedade.

Referências

- AZOULAY, Ariella. **História Potencial**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- BUTLER, Judith. BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.
- GASTALDONI, Dante. **ENSAIO FOTOGRÁFICO - A PEDAGOGIA DO BEM-QUERER NA OBRA DE JOÃO ROBERTO RIPPER**. (2020). Revista Trabalho Necessário, 18(36), 248-255.
- GERVEREAU, Laurent. **Ver, Compreender, Analisar Imagens**. Lisboa, Edições 70, 2007.
- GONÇALVES, Fernando. Fotografia situada y activismos visuales en las producciones de fotógrafos populares en Rio de Janeiro. In: Lucía Caminada; Fernando Gonçalves. (Org.). **Políticas y Narrativas del Cuerpo 2**. Milão: Ledizioni, 2024, v. 1, pp. 173-186.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MIRZOEFF, Nicholas. **O direito a olhar**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016.
- RIPPER, João Roberto. **A informação no processo de educação**. TEDxUnisinos. Disponível online: <https://www.youtube.com/watch?v=EEmylvpRJ4w>. Acesso 10 out 2025.
- SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
- SOUZA, Renata. **Cria da Favela: resistência à militarização da vida**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.